

III.5 | *Príncipe*

*Falar em desafio ao Pai e pretender sua tradição
exigem força e precisão, destreza e propriedade.
Entre a submissão cansada e um Novo Reino,
resta a trava de um nó górdio.*



GUEIXA SUPERA ALICE em resoluta negação, mas Príncipe nascerá de Mógli graças ao legado mesmo do lobo, a este adicionando refinamento em suas já manifestas, se toscas, facetas da coragem e da solicitude fraterna. Gueixa nadará contra a corrente de anomia da crise de Alice ao evocar a postura insubmissa averiguada por Mafalda, desta vez a partir de um corpo refeito da clivagem doce-amarga do amor, suturando-a no bálsamo do visco da percepção rediviva. Nosso Príncipe, no entanto, ganhará e manterá seu posto e sua espada conquanto recorde a virtude mogliana de adaptação ao inóspito em chave de altivez e prontidão, mesmo quando o locus volta a ser hospitaleiro. Distante do sertão simbólico e sombrio da floresta, Príncipe lerá, entre outros, *A educação pela pedra*, de João Cabral de Melo Neto. Ao treinar retórica e eloquência, será inevitável realizar leituras em voz alta, como a desta estrofe de ‘Rios sem discurso’:

*O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.*

O excerto, além de boa poesia, nos é perfeitamente útil para ilustrar o desafio principesco. Primeiramente: o progresso na casa III, de Kurt a Mógli, fora um curso. Caminho mais recebido que feito, trilha menos picada que batida. Com Príncipe, o curso há de recriar-se em discurso: ou dos dias e noites em III.5 nasce uma voz, ou a estância não revelará tesouro algum. Depois: o corpo da obra do Príncipe “precisa de muita água em fios / para que todos os poços se enfrasem”. Entendendo água como massa acelerada no tempo, a atenção deste habitante restará não só na *integridade impessoal* do Bart taoista, que o não autoriza perder-se no antes ou no depois do trabalho, mas também na do neófito porém determinado colecionador de troféus. E então: marcha tal e qual o homem-sentença, aquele que dispõe gesto e discurso em contínuo intercâmbio. Tal é a seca — a falta, a caatinga mogliana — que o ex-jagunço tomará como primordial geografia em seu quarto-sala de estratégias e limpas, organizadas prateleiras.

•

Hoje mais cedo fui à rua e voltei com um inhame, uma mandioca, um saco de lentilha, uma cebola e linguiças apimentadas. Refoguei a linguiça picada no azeite com cebola e amoleci as lentilhas enquanto cozinhava o inhame e a mandioca. Certa altura misturei tudo e deixei cozinhar mais, não sem antes temperar segundo meu gosto. A boa questão, aqui, é: quais movimentações sociais e históricas possibilitaram a supremacia da batata ante outras opções de amido, não raro mais eficientes?

Bauru, onde vivi dos sete aos dezessete, é pródiga em churrascos. Se não é de lá o esporte não olímpico Biribol, sendo obviamente de Birigui, não é senão de lá a técnica ‘vulcãozinho’ de acender churrasqueira sem álcool.

Em redor de um molde de pet big coke, sobe-se anéis de páginas inteiras de jornal dobradas em tiras de dois dedos de altura.

Uma vez alocada no centro da cavidade barca do calor, a pet cober-

ta por anéis de jornal é comprimida por nacos de carvão vegetal, colocados com cuidado, um a um, e nunca despejados, como numa escultura de vulcão, com a base maior que o topo.

Sólida a montagem, retira-se a pet; restam em pé os anéis de jornal, estruturando o fulcro cilíndrico do vulcão de carvões.

Risca-se um fósforo, que é lançado vulcão adentro. Dá-se combustão imediata e há papel o suficiente para alimentar a queima lenta do carvão. Este vai, de cima para baixo, desmoronando conforme as peças menores do topo tenham seu jornal desfeito, e arde, assim, desde o centro inferior para as beiradas.

O lento cair de peças sobre peças de carvão queimado no desfazer do vulcão cria a manta de brasa ideal, desejada desde sempre pelo churrasqueiro, calor uniforme e sem chamas altas.

A tecnologia é por assim dizer idiomática, ou apócrifa, mas atribui-se a invenção a estudantes do campus da Unesp bauruense.

Por outro lado, nestes dez anos de churrasco no interior, jamais estive diante de uma churrasqueira que ofertasse mandioca, batata-doce ou cará-moela na grelha. Resgatar a mandioca, hoje, ultrapassa a presteza ética da saudação de um fundamento nutricional do povo brasileiro. Tem que ver com o sentimento que subjaz a proliferação das oficinas de cerveja artesanal, dos pontos de café curado aos quais até então somente os estrangeiros brasilianistas tinham acesso. O nome de tal sentimento é reação informada. A proposição política por que ansiava Sócrates na ágora ensolarada pode sim se resumir a uma ação, desde que seja, entre as possíveis, a mais desejada por nós. Não temos nada contra, por princípio, a batata. Mas a sub-representatividade da mandioca nas grelhas e pratos brasileiros nos parece um equívoco.

•

John Dewey, se confiarmos no tratamento dispensado por Richard Rorty, ou por Louis Menand, em seu livro *O clube metafísico — uma história das ideias na América*, publicado em 2001, pode ser lembrado como o intelectual novomundista por excelência, se não na forma, ao menos no método.

Em meados dos anos 1890, ao ter seu primeiro filho, Dewey talvez percebesse ali, dentro de casa, como nascem e crescem os imperativos do cuidado e da imaginação para amparar e preparar para o mundo um corpo alheio, mas tão próximo, outro, mas tão frágil, a criança, filha e “fruto e alegria da terra”, nas palavras de Darcy Ribeiro, o Dewey brasileiro.

Aquilo que a nova terra merece de seus pensadores, aquilo que a América merece de um homem não deve ser tão diferente do que merece deste homem um seu filho. Menand afirma que Morris, filho de Dewey, foi o motivo do interesse do filósofo por educação, campo que viria, sem intenção prévia ou planejamento de longa data, nada menos que revolucionar. As ideias a que chegou, e os conceitos e práticas que concebeu, aconteceram graças à mais genuína e objetiva preocupação de um pai com o desenvolvimento de um filho. Algo muito próximo do que motivou J. S. Bach, como veremos adiante, a escrever alguns de seus álbuns didáticos. Numa carta à esposa em novembro de 1894, Dewey escreve,

Quando penso nos milhares e milhares de pequenos sendo praticamente arruinados negativa senão positivamente nas escolas de Chicago todos os anos, a vontade que dá é de ir à rua e urrar em cada esquina como se eu fosse o Exército da Salvação. Há a imagem de uma escola crescendo em minha mente todo o tempo; uma escola em que atividades construtivas atuais e literais sejam o centro e a fonte de tudo, e de onde o trabalho cresceria em duas direções — em direção às consequências sociais do esforço construtivo por um lado, e em direção à natureza por outro, natureza que provê os materiais. Posso ver, teoricamente, como a carpintaria etc envolvida na construção

de uma casa modelo poderia estar no centro de um treinamento social, por um lado, e científico por outro, exercitado a partir de um hábito concreto e positivo dos olhos e das mãos... A escola é a forma de vida social a um tempo abstrata e sob controle — diretamente experimental — e se a filosofia é um experimento científico, a construção de uma escola pode ser um ponto de partida.

Dewey de fato abriu sua escola, com dezesseis alunos abaixo de doze anos e dois professores. Seis anos depois, eram cento e quarenta alunos e vinte e três professores. O experimento, segundo Menand, tornou-se “uma sensação internacional”.

Quando sugiro Dewey, que, viúvo aos 84 anos casou-se novamente com uma companheira de 42 e adotou dois belgas órfãos de guerra, como o pensador emblemático do novo mundo, considero, para além de seu papel relevante na história das ideias, seu ímpeto fazedor, mão na massa, de levar a cabo suas intuições concretamente, mais que reservá-las exclusivamente ao papel. Há muito de príncipesco na atitude do homem que, ao batalhar por juntar seus fios de água num leito coeso e marcante, vá também além das palavras palavras, dispondo sua voz no mundo com as palavras gestos. Assim foi, e assim é John Dewey.

•

Em meados de 2016, passei, por puro ócio criativo, a desnovelar uma ambiciosa ideia de refundação do ambiente e da operação escolar. Até hoje, a tantos interlocutores quanto pude, mediante abertura e atenção, improvisar acerca dos detalhes de funcionamento desta escola pública ideal e atual, obtive retornos entre a neutralidade interessada e a simpatia entusiasmante. Por isso segui em frente, quixoteando discreta mas arrazoadamente, e não pretendo descansar enquanto ao menos alguns aspectos desta rapsódia utópica conceitual mas administrativamente são e francamente estratégica não forem ao menos considerados entre os hoje diversos e inovadores fóruns empenhados em discutir a reforma da educação.

Meses antes da ambiciosa ideia pipocar, conduzi uma oficina de leitura crítica numa classe do quarto ciclo do ensino fundamental de uma escola pública na Vila Buarque, bairro central de São Paulo, onde pouco mais de um ano depois, por puro acaso, acabaria residindo para escrever este livro.

Tratamos, na oficina, de ler *Da morte, odes mínimas*, um delicadíssimo e conciso feixe de poemas da lavra das mais inspiradas da autora paulista Hilda Hilst. A mensagem da oficina, mais que qualquer exemplificação metodológica ou guia prático sobre como se lê ou não se lê poesia, era esta: ler um livro de poemas é também re-escrevê-lo.

O minimalismo gótico de Hilda se mostrou matéria mansa para muitos fuçares, remexeres, especulares e afins. Meu método foi: 1) montar um novo poema a partir de um verso retirado de cada um dos quarenta poemas do livro; 2) apostar várias fichas na interpretação de que Hilda escrevia para fugir do medo da morte; 3) perder voluntariamente a aposta, frustrando a interpretação na metade da oficina e assumindo, então, que, mesmo tendo comido metade do tempo disponível, recomençaria o exercício; 4) inovar no ataque e tirar o ‘tarô egípcio’ da obra e da autora, partindo da premissa de que Hilda escrevera o livro não para fugir do medo da morte, mas porque não aceitava ser um rinoceronte na cidade.

Daí, deixei o livro completamente para trás e contei a história dos caçadores de chifres de rinocerontes que, na China antiga, forneciam a valiosa protuberância óssea do bicho para a confecção de cálices de libação. Em seguida, sugeri que a mudança da escritora para o interior de Campinas, onde a família dispunha de terras que Hilda venderia até conservar o mínimo necessário para sua Casa do Sol, era o ato simbólico dela mesma a caçar seu rinoceronte imaginário e oferecer aos deuses da criação a vida silenciosa e simples que permitiria o desenvolvimento menos distraído de uma obra que a autora sentira ser mais potente que as trocas exíguas da cidade.

A tese era sustentada divertidamente pelas sete cartas do tarô que eu de fato virara para o livro e para Hilda enquanto preparava a oficina. O interesse dos partícipes oscilava entre o estranhamento comigo mesmo, ora involuntariamente performático, e a virgindade ante um exercício mais ou menos original de leitura crítica de poesia. Repeti a oficina numa biblioteca em São Bernardo do Campo, e a atenção se manteve entre a curiosidade assustada e a receptividade intuitivamente simpática.

A ideia ambiciosa a pipocar meses depois, acredito, teve boa parte de sua fecundação naquela hora e meia de oficina. A escola em questão, na Vila Buarque, não diferia muito do ambiente da escola bauruense particular que frequentei por anos. Por que, então, só agora pude sentir tão pesado desconforto com aquele prédio, o bastante para me fazer pensar coisas como “a escola está errada, está feia, está escura, está desinteressante, está obsoleta, está forçando a barra com essa ladainha de performance e vestibular, está falhando no âmago de modo trágico e grave”. Deweyanamente, senti vontade de urrar nas esquinas.

Eu sei que há décadas existem projetos alternativos da Nova Escola, mesmo no Brasil, mesmo em alguns de nossos rincões, e sei também da excelência bi, tri, tetralíngue que algumas instituições oferecem aos herdeiros milionários do PIB brasileiro, mas sinto também de modo retumbante que manter a inovação educacional em guetos com sinais invertidos é o caminho mais seguro para as desigualdades do país seguirem estanques, ou mesmo se asseverarem, para o desconhecimento do país seguir vergonhoso, e para as formas de reinvenção da felicidade possível seguirem soterradas, diminuídas, desperdiçadas, enquanto fiozinhos de sucessos, os craques e gênios das capas de revista de fofoca, compensam nosso triste pacto com a mediocridade.

Com isso em mente, esbocei o poema que segue, talvez por duvidar, num país sem originalidade política, que viveu até hoje de copiar porcamente modelos importados de administração pública, que a ideia merecesse a forma de uma petição, de uma proposta parlamen-

tar, ou mesmo de um artigo na imprensa. Um poema sempre se safa ao dizer 'sou só um poema'. Uma pena.

A leitura será tanto mais satisfatória se complementada pelas cenas da Escola em I.2 (Mafalda).

•

AO MEC

eu quero reconhecer a escola
como o quinto império
a quinta casa
o quinto poder
ao lado imprensa, legislativo
executivo e judiciário

quero a escola porque não quero
os herdeiros do meu árduo trabalho
ignorantes das belezas que fizemos

No primeiro círculo
alunos concentrados manipulam as notícias
termos de contratos e debates

No segundo, divertem-se
mexendo linguagens
dos corpos elementares

No terceiro, enfrentam o dever
de cuidar da cidade-casa
a escola afinal tem calhas
poços e telescópios

•

É a Escola imaginada por Mafalda uma que pressupõe, na nova figura do professor, a habilidade de navegação interdisciplinar e entrega improvisada de conteúdos e práticas que tornam-se ‘curriculares’ apenas depois que aconteceram, e não antes. Conteudismo é tarefa universitária. A bastante comum argumentação de que as crianças devem ‘aprender a ler e a fazer conta’ é uma aberração conservadora que visa emperrar as reformas curriculares verdadeiramente profundas. Máquinas baratas resumem textos e fazem contas por nós.

•

O primeiro Painel de Cecília Otondo

~ *um breve conto futurista* ~

O PRIMEIRO PAINEL DE CECÍLIA OTONDO refere-se ao dia 20 de janeiro de 2036. A Auxiliar Administrativa da OZ — órgão que viria substituir o INSS e tornar-se uma das mais valiosas estatais do planeta — Cecília Otondo é a redatora final, ou expositora, do painel paulista na Painelância Nacional, evento anual que reúne as vinte e cinco regionais num exercício embasado de perspectiva. Ela está, acredita, menos de 20% ansiosa, mas dormiu bem cada uma das quatro horas de sono.

Como redatora apontada pelo conselho deliberativo, Cecília, ou ‘Tondinha Estabanada’ para certos amigos jocosos que caçoam de seu um metro e noventa e dois, larga ossatura aliada a um manto fino e geral de adiposidade justificada pela prática disciplinada do vôlei e melada rouquidão, mas ainda rouquidão, pois Cecília, ou Tondinha, como num truque de mágica, atraiu atenção ao movimento de uma mão aparente enquanto operava, com a outra escondida, sua verdadeira intenção.

O truque da mão aparente foi empregar, pela primeira vez numa Painelância, uma interface dinâmica de bactérias geneticamente programadas para compartilhar com ela a performance paulista. Todos os cinquenta metros quadrados do piso do palco do anfiteatro foram

cobertos pela cultura elaborada por Cecília, que fazia a apresentação descalça, em íntima conversa com suas aliadas microscópicas.

Sua firme vontade, no entanto, não se resumia a um capricho de interface. Dizia respeito ao que ela vinha chamando, em mensagens privadas ao conselho, de depuração epistêmica, ou menos barulho por mais. O conselho, composto por um time anônimo de eremitas imortais, tinha repulsa aos termos antiquados da filosofia analítica, e Tondinha, para provocá-los e mostrar autonomia, empregava um termo diferente a cada mensagem.

Se buscamos validação hermenêutica com o mesmo afincamento que fustigamos a tautologia, o resíduo será um de proposições validáveis no calor não circular do debate. Vale a pena.

Cecília queria, porque estava um tanto zangada, mudar as coisas estruturalmente. Não podemos, disse em sua página, deslizar no deslumbre com perspectivismo não algorítmico, enchendo de símbolos inativos na planilha esta bela janela de propulsão de eficácia que é a Painelanca. Em memorando ao conselho, espinafra o painel de 2035:

cobrimos pouco menos de 32% do universo planilhado. Foi lindo ouvir vinte e cinco versões de ‘Varagem, talo e tino’, ainda que as canções, sem fundo consertante, provocassem cenas de pesca. Mas aqueles 68% são hoje ressalvas que cutucam o seio do entretenimento. Menos brincadeira não fará menos divertido o mundo.

O evento dura duas horas, conduzidas simultaneamente pelos vinte e cinco redatores, representantes das vinte e cinco unidades da OZ. Sem deixar a peteca do interesse cair, interagem entre si, confrontam e engatilham pautas deliberativas ao mesmo tempo em que escrevem o relatório.

As performances são avaliadas pelo martelo oziano e definem os coeficientes do repasse de transição, uma ajuda da União programada até 2070, bem menos importante do que já foi, dada a retumban-

te lucratividade da empresa, mas hoje aplicada principalmente em laboratórios de inovação judicativa e recrutamento de quadros disputados com a iniciativa privada. Laboratório e seleção — as frentes da OZ que mais impulsionam a estima da marca, tão crucial para o bom fluir de sua razão social. Razão social? Chancelar todo e qualquer novo fato a emergir, no território nacional, relativo à socioeconomia de plataforma, de um novo sabor de pastel numa humilde banquinha, à fusão da Vale do Rio Doce com a chinesa SoyoMar. Sem o selo da OZ, nada de novo acontece no mundo dos negócios.

Flui assim Tondinha toda fresca, enormemente loira e lisa em alva cintilância saída do bangalô da comissão, pasta translúcida à mão direita junto ao quadril. Nela, avoadada segunda pele em linho creme deixa rastros remetentes à constelação Taurus, efêmeras nuvens de lídima poeira a brilhar no campo de visão de quem quer que olhe na altura de seus seios. Ela marcha, Cecília Otondo, descalça sobre jatobá, junco, seixos, mato baixo, cerâmica, jatobá de novo e água, lama e então água, algodão trançado, junco novamente e enfim a borracha viva e programada com colônias de bactérias para entregar seu texto quando adentra o anfiteatro.

•

A secura da terceira idade na resposta ao memorando foi a seu turno produto de uma crispada deliberação romântica. É difícil dizer se a confortável situação de caixa da OZ, conquistada graças a virtuosa sucessão de conselhos acatados por players interessados na emissão de licenças às grandes operações de fusão internacional no setor de engenharia de materiais biodinâmicos, suscitou nos pródigos em síntese e ávidos dispositivos sociolinguísticos dos eremitas um qualquer pendor à poetização idealista. Como se diz nos corredores da OZ, ‘estão soltinhos’.

Fato é que mais e mais as deliberações de efeito interno vêm sendo, ainda que protocolar e irrevogavelmente secas nas respostas, precedidas por debates que se outrora soavam amarrados às razões processuais empertigadas por querências de retidão e vetorizações de

eficácia, hoje inclinam-se quejando e dançando lambadas daquele lirismo que remete às faces estruturantes dos discursos da Constituinte de 22.

Tudo se passava como se, naquele futuro 36, grupos informais aproveitassem assuntos internos para exercitar a enrijecida nostalgia utópica que fora reservada e saíra de cena no despertar do Estado corporativo. Disseram de Tondinha que ela “achou sozinha a bandeira de uma fala urgentemente em grito de lucidez contra a frivolidade da versação maquilante das preguiças”, e que por isso não era bom que “jogasse para a torcida num memorando claramente forte em distração e fraco em compromisso”; que “Tondinha não gastasse nosso umbigo almiscarado com palavrório chulo de antiquário.”

A essa altura, o texto da redatora paulista avança em seu prelúdio anedótico sobre o apego excessivo aos mananciais como distração ao que ela quer chamar ‘meus sinceros votos à FLOZ, que a crítica da crítica da condução do montaigne.gno se fortaleça’,

mas será o caso retirar o leitor deste fluxo e gastar algumas centenas de palavras acerca primeiro da impossibilidade da transcrição objetiva, quanto menos exacta, da performance da Cecília, e deslindar a questão consequente:

como retratar ou recriar a condução otondina que de tão benquista quando meada às federações tornou-se livro hologramático baixo o prestigioso selo OX, curado pela comissão de publicações da OZ, não tendo nós, em 2017, o livro em mãos; não tendo eu, ou algum de nós, sequer testemunho do evento? Como narrar, em resumo, o futuro sem trair-se e sem trair-nos?

A antecipação narrativa é um modo superado em que a virtualização da leitura foge completamente do poder do redator: uma fala em que sólidos pesados brancos de três faces fossem dispostos lado a lado,

(veja)

citando Cecília, prefigurando a memória do labirinto que forjamos num caminhar esclarecido, caminhada em que comemos os doces e cristalizados fios vermelhos da anunciação, (sinta)

como não partir para a leviandade com o leitor ora afastado tanto da ambiguidade irônico-engajada da Cecília quanto do drama da politização pulsante dos eremitas anônimos, tão distante da fortaleza paulista da OZ nos quatro quilômetros de diâmetro que abraçam a nascente do Tietê quanto perigosamente próximos do rombo da previdência e de sua insustentabilidade escorchante em 2017, (ore)

como não furtá-lo de momentos sensuais ou decisivos impondo a não possibilidade da correta transmissão, da fala inequívoca, das consequências reais e não imaginadas, de discursos em rede, 25 simultâneos, mantendo, por uma questão protocolar que pede ao texto ficcional apontar um personagem protagonista, a ênfase na redatora paulista? Ela que, passados 10 minutos de uma partida de vôlei, cora as bochechas, fios suados do loiro cabelo sendo runas de aflição na testa alta, os olhos em profunda concentração, ancestral concentração guerreira? Furtá-lo, logo ele, o amigo leitor, que não é de perder tempo. E agora, leitor?

•

Corada, Cecília sorri, três minutos passados do início do painel. Tem a pasta translúcida segura atrás das costas, as duas mãos abrigadas em seu largo côncavo lombar, côncavo que encima quadris capazes de parir simultâneos quadrigêmeos. Os pés, 42, desnudos em pele crema clara de unhas em gradientes dinâmicos do rosa ao amarelo e ao marrom pisam as marcas narrativas criadas em tempo real pelas colônias incrustadas no chão de borracha. Desenhando feedbacks sugestivos, colorem inside jokes, apontam as rotas argumentativas e sinalizam a movimentação semântica dos outros vinte e quatro redatores. Ela parece achar graça no que lê e traduz junto a um esforço com a redatora acreana Janaína Novitch.

Janaína, por pura coincidência, também cita a crítica da crítica à aplicação literária montaigne.gno como oportunidade temática à festa literária da OZ, a FLOZ, anunciando o slogan acreanamente assotacado,

vencemos igualar poesia e código, que balancemos a escanteada crítica da crítica com crítica, de modo que se venha a nos criticar, soberano e servo nosso, o futuro — free montaigne.

Algo estrepitamente novo assim é esperado e até clichê nas sempre surpreendentemente adornadas por repentes tramados em etnomatemática Painelanças. O que ninguém poderia esperar, entretanto, era que esta sentença mesma seria declarada, em simultâneo e sem prévio acordo, pelas duas redatoras, Cecília e Janaína.

Pronto.

Evento do evento. Balbucio? Verdadeira balbúrdia. Federações se atijam e o tratamento de Cecília e Janaína ganha relevância. Por outros três minutos, fala-se em uníssonos. Primeiro sobre a festa, então sobre o ensaísta francês do século XVI. O redator baiano, Marcelo Cornelo, exerce uma linha que faz o chão de Cecília proto-arder e então proto-musgar-se, entre faixas recuperadas do encarnado ao verde retas e um fundo longínquo de marrom mangue onde divisam, talvez, lânguidas garças a fugir do frio (é difícil dizer), sobre o qual desenha-se em vermelho novo uma seta. A seta emite luz vermelha nova alinhada ao norte de fato, norte real. Ué.

Cecília programou seu texto mais cativada pela tradição da performance paulista, que coloca os negócios em primeiro lugar, e menos pelo espetáculo. Escreveu mais um dispor, carregar e montar de vias de acesso à melhora dos números da empresa, aos quais deu força de miniaturazinhas virtuosas, bonsais de flamboyants floridos, micropátios de laranjas a prenunciar o templo do verbo palavra.

À guisa de reação bacteriana à linha recente da Bahia, monta Tondinha num largo e abaulado em irregularidade de dunas escorrega-

dor de mogno em 30 graus negativos de inclinação média, obtendo velocidade de diversificação e julgamento a um só tempo, e lança para ali seu avatar, a quem dá menos de 8 segundos — tal era a disposição de ataque desta que no vôlei é craque em bloqueios — ainda que risse e corasse com o resultado do tobogã, até julgar um rosto incontornável, Maria.

Maria, seu manto não me engana. Antes, nos conforta. Como me abraça, sua piedade? Sou a “filha de aliança” de Montaigne, diz, feminista 400 anos antes do feminismo e editora dos tomos de 1595 dos Ensaaios.

Bate uma afinidade. Cecília estaca. O tobogã se faz em enorme pires, e a redatora paulista decide ler todas as intervenções de Maria na edição do famoso livro do nobre francês em sete segundos, sabendo do risco de perder pérolas, achados, jogos de palavras e tiradas sarcásticas, mas indisposta ao outro risco, o do fogo da linha de Marcelo arrefecer. Está lida.

Percebendo como poderiam servir mais cerca de otimamente a reentrada de Cecília na conversa de tela (contra a conversa de fundão feita agora, ou nos sete segundos que se encerram), as bactérias desenham nada menos que um alvo, quatro círculos concêntricos que definem-se conforme conclui Cecília a leitura das intervenções de Maria numa estranhamente confortável postura de pré-mergulho, ou pré-decolagem aquilina. É como cair numa gelatina tutti-frutti, dizem as bactérias, mas sem errar muito. O círculo mais pequeno e de rosa mais forte, se pisado, evitando os pés 42 uma das manchas azuis de ruído, encaixará a linha decorada por Cecília —

de mais ricos feitos, mais ricas faculdades,

frase creditada a Maria, — na chance mais alta de impactação inflexiva, o que pode alterar completamente o fluxo da Painelança e colocá-la outra vez no topo do evento. Eis. Assim se dá. Todos os olhos querem ver o caminho paulista do fundão à tela.

•

Eu digo ôua para os cavalos.

Um momento para conhecer melhor, graças dadas de aspereza nossa, amplo atraso ante este conto (um evento que, se fala sobre o futuro, também se passa em 2036), a questão montaigneana dada em

Apologia a Raimundo Sebond,

trabalho por demais comentado em literatice secundária, mas ainda assim comentável.

•

Montaigne era, por assim dizer, príncipe da Casa dos Montaigne quando seu pai, o Sr. Montaigne, deixa por instantes a sala em que privavam de licores cavalheiros com uma visita chata e volta segurando um volume em capa de veludo marinho. Encaminha-se à cadeira do herdeiro e pede,

— Considere traduzir, filho, este livro acolherá bem nosso francês.

Montaigne adorava a diversão da tradução e dizia ter “o melhor pai do mundo”. O trabalho será diligentemente cumprido.

Donald Frame, reconhecido tradutor dos Ensaios para um inglês superenxuto, lembra que a esta altura do segundo tomo, já o jovem autor Sr. Montaigne ele mesmo ou seu outrora professado estoicismo qualquer coisa como que se dissolvia em tolerâncias da meia idade precoce. Era um cabra enternecendo.

Encastelar-se e ter de olhar por uma pequena pátria terá empapuçado nosso excelente escritor da resolução de exclamar o moralismo iogue e taoista que tanto marcara seus textos, e agora ele já não via heróis a perseverar, mas um mero bicho homem não excepcional nem mais sagrado que os escravos, as cabras, os cavalos, ao espelho

e ao lado de si em toda e qualquer mesa.

Teremos de chamar Rorty e Viveiros de Castro para desenroscar a imagem de Frame e de larga recepção consensada sobre um Montaigne desentusiasmado e supostamente relativista, ou preguiçoso, não mais que de repente. Improvável. Se era natural Pascal descabelar-se à época ante o que soava qual darwinismo pan-social no seio de um bestiário indecente, hoje relida junto a essas equipagens que logo citaremos, a Apologia não mostra um súbito descrente na força das palavras. Muita ignorância antes dessa haveria de se suspeitar do esforçado e culto bardo. Se a tradução e o prefácio causaram ruído e desgosto, distantes cinco séculos não nos tocará a questão eminentemente religiosa, ou antes teológica, de uma época, da mesma maneira. A própria redação da Apologia, espécie de crítica a seus críticos de então, parece distar muito mais do que dista do livro traduzido de Ramon, original do século anterior, a que contribui o lúcido modernismo de Montaigne. Sua ironia leve, sua erudição, sua destreza narrativa fabulosa, tornaram a emenda mais graúda que o soneto. É a crítica da crítica atomista de Ramon feita objeto literário defasado filosoficamente mas encantador tecnicamente. Que terão a dizer Cecília e Janaína acerca da delicada adição da ‘filha’ Maria à *Apologia a Raimundo Sebond*, na edição de 1595 dos Ensaios, —

de mais ricos feitos, mais ricas faculdades —,

em 2036? E por que, nas edições subsequentes do famoso livro, a linha terá sido suprimida? Por quê?

•

O imperativo rortiano de dar e pedir justificação pública a diferenciar o homem dos outros animais, aliado aos inter-acessos universais do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro, como dizíamos, atualiza e desenrosca a imagem mais ou menos fixada do Montaigne trevoso e antagonista da Apologia.

Isto é assim. O autor segue em frente nas gerações graças às relei-

turas atualizantes que portam elementos de juízo novos ou mais ou menos resilientes, sendo a linha de crítica pascalina a Montaigne ora em vista menos resiliente. Ela cede porque lemos a moral deste Príncipe por excelência que foi o ensaísta Montaigne, hoje, mais amplos de posse de relações e referências, e por outras releituras informados. Bisbilhotando uma nota pessoal de Cecília, leríamos:

*Hiperventilamos o saber elevando a menos um a marcha do saber
produzimos a deliciosa fábrica de achados-perguntas,
sem fim sua ambição
informada sua postura, produtora do próprio torque
agora é difundir, antes que dizer ‘precisamente’
as reduções epistêmicas que distanciavam os direitos naturais
as teologias naturais
daquilo que vínhamos dizendo para valer
cresceram e sabem mais
a proximidade donde tocam nosso direito e
nossa religião saúdam a lucidez de
um encanto universal
mas também: instigadores de uma ansiedade nova
esta para quem o idealismo aceso não quer
suportar como suportava o descompasso
entre a marcha das ideias e a marcha das práticas
donde derivam
formas de pressão mais aceleradamente organizadas
e delas, mais nitidez
nos arcaísmos institucionais*

Montaigne deu sorte ao inclinar-se à empáfia já dotado de fama, vasta biblioteca em tempos pré-wiki, e um bem servido e protegido castelo. Sua inteligência, no entanto, só teria a ganhar com meia horinha de google search. Diria bem menos asneiras, mantendo-se igualmente engraçado. Seu gênio é mais feitor que o de Voltaire, todos os teatrais e políticos franceses, e a insígnia do *buscón* ganha nele um posto alto, ao lado dos queridos do ocidente, logo abaixo dos deuses. A Apologia guarda trechos pendulares ainda não superados por frankfurtiano algum, amplamente estetizadas que são suas

moebizações paragrafológicas. Citemos entretanto uma das asneiras da Apologia:

Quem quer que busque qualquer coisa chega a tanto: diz que encontrou, ou que não encontrou, ou que segue buscando. Toda a filosofia está dividida nestes três tipos. Seu propósito é buscar verdade, conhecimento e certeza.

Não assusta que a concepção de um propósito para a filosofia ganhe, na pena ilustrada e jocosa de um Montaigne 200 anos antes sequer do idealismo alemão, tão simplória e sumária redução. É asneira no que exige do regime discursivo da filosofia sua centralidade de coordenar debate público com práticas sociais, vestindo-lhe ao invés a fantasia do eremita sabichão ou iluminado que mais e mais e ante duvidoso e sacrificial esforço se aproxima da verdade Verdadeira e das coisas como elas Realmente são. Mas o bardo é capaz de errar um bocado a mais sobre este erro quando afirma inútil a prática filosófica mesmo aos poucos agraciados com o privilégio de poder estudá-la, tornando inútil por conseguinte a ideia de verdade, de conhecimento e de certeza. Ele diz,

Quais frutos rendeu a Varro e Aristóteles a inteligência sobre tanta coisa? Ela acaso os salvou dos incômodos humanos? Foram eles poupados dos acidentes que pressente um curioso? Tiraram eles da Lógica qualquer consolo às dores da gota? Por saberem como tal humor se aloja nas juntas, eles o sentiram menos? ... Descobriram eles que os sentidos e a saúde vibram mais naqueles que conhecem de astrologia e de gramática?

E como que para corroborar seu aceno ao não saber, cita Horácio,

Illiterati num minus nervi rigent ?

(Iletrados não param em pé?)

Mais à frente, a clássica retórica de salão atapetado montaigneana é

pega aqui no pulo por, por acaso, citar o Brasil,

Dizem que os brasileiros não morrerem senão de velhice é devido aos ares serenos e tranquilos de lá, mas tenho para mim que é função principalmente da serenidade e tranquilidade de suas almas, almas despidas de toda paixão, pensamento e ocupação tensa ou desgostosa, alma de gente que passa a vida em admirável simplicidade e ignorância sem as letras, sem leis, Reis, sem qualquer religião.

É asneira porque atribui a longevidade do ameríndio que rodava em crônicas o velho mundo não às peculiaridades de nutrição, trabalhos, esportes, cerimonial, organização social e higiene da ocupação pré-cabralina, mas ‘simplicité et ignorance’, lidas em confortável mas cristalizada perspectiva europeia sobre o que seriam o complexificar e o conhecer. Complexificar e conhecer era complexificar e conhecer ‘comme ils’ e apenas *comme ils*. Mais um deslize da empáfia encastelada, rigorosamente comum na elite literária do XVI e do XVII e do XVIII.

O desejo totalizante do catolicismo amador e familiar francês que influenciaria estudiosos e daria à luz as famosas enciclopédias, e quando da cópula da vanguarda francesa com a contracultura norte-americana, a mente wiki, pulsava em Montaigne também como a alternativa queijo e vinho à necessidade etnográfica das fronteiras da argumentação científica da época. Precusores de Darwin viajavam arriscadamente para tabular semblantes de remorso e regozijo, hábitos de sono e cópula, babas e orelhas. Queríamos saber então se método e rigor no mais conhecer para melhor comparar orbitaria nossos sucessos mais cerca de um coração que desabrocharia em Rousseau: nascemos prontos para fazer ou para deter a guerra?

Livros e mais livros não definiram a resposta certa para Montaigne, e ele entendeu sobretudo que seguir futucando e futucando, ainda que a pena aqui ou ali acinzentasse aconchegada na ineficácia populista da ironia que escurece em vez de iluminar, pois que são tantas e tão várias as contingências da vida. Que não seja para isso que se

escreva, escrever ainda pode fazer soar o timbre de uma pífia vitória qualquer, triunfo efêmero de quem padece de baixa estima, recôndito ou não num armário de mamãe.

Vejamos como segue nas gerações em releituras atualizantes o corpus onde literatos da segunda idade da OZ construiriam a aplicação literária montaigne.gno, motivo de calor na Painelança Nacional de 2036, no momento em que Maria, revisando a Apologia, toca no seguinte trecho de seu padrinho e mestre (perdoem nosso francês, mas é bonito mesmo quando apenas soa),

*Je dy donc, pour revenir à mon propos, qu'il n'y a point d'apparence d'estimer, que les bestes facent par inclination naturelle et forcée, les mesmes choses que nous faisons par nostre choix et industrie. Nous devons conclurre de pareils effects, pareilles facultez, et de **plus riches effects des facultez plus riches** : et confesser par consequent, que ce mesme discours, cette mesme voye, que nous tenons à œuvrer, aussi la tiennent les animaux, ou quelque autre meilleure. Pourquoi imaginons nous en eux cette contrainte naturelle, nous qui n'en esprouvons aucun pareil effect ? Joint qu'il est plus honorable d'estre acheminé et obligé à réglément agir par naturelle et inevitable condition, et plus approchant de la divinité, que d'agir réglément par liberté temeraire et fortuite ; et plus seur de laisser à nature, qu'à nous les resnes de nostre conduite. La vanité de nostre presumption faict, que nous aymons mieux devoir à noz forces, qu'à sa liberalité, nostre suffisance : et enrichissons les autres animaux des biens naturels, et les leur renonçons, pour nous honorer et anoblir des biens acquis : par une humeur bien simple, ce me semble : car je priseroy bien autant des graces toutes miennes et naïfves, que celles que j'aurois esté mendier et quester de l'apprentissage. Il n'est pas en nostre puissance d'acquérir une plus belle recommandation que d'estre favorisé de Dieu et de nature.*

A assunção de Montaigne é generosa, e mesmo anímica, mas a intervenção de Maria anuncia-se, em código adverbial enxuto, humilde, camuflado, enquanto ficção científica ou profecia utópica da ética estimada.

Isto foi assim porque a hiperventilação do saber contava já um bom século desde o boom de 1470-1475 na atividade da prensa na Europa, mas os modos de organizarmos nossa coletividade reclamavam ainda por um par de revoluções. A tal quadro, a física mecânica de Newton forneceria a didática metáfora da defasagem.

A saída ou escape de Montaigne ao sobressalto de letramento seria cifrar angústia rochosa em fim de ressaca, dissolver esteticamente a dureza principesca resolvendo a ansiedade das defasagens entre imaginação e projeto, idealismo e concreção num mundo atolado em feudos, numa autoria elegante e elogiosa mas corrosiva e despachada num barrilzinho de c.q.d. gostosa se parcamente iluminado, numa inclinação meio heroica, meio tresloucada, que hoje ligaríamos a certos momentos de Walt Whitman e Raul Seixas.

Usura? Direito dele. Mas também um sucesso relevante. Vitória retórica de um definidor de gênero comparável a Cervantes em seu romance, Hitchcock na gramática do suspense, Bach na peça-aula. Os Ensaios foram um ato de picada e o estabelecimento de um campo de exercício, esbanjamento, renovação, aproximação e crítica de que não curiosamente sorveria a burguesia responsável pelas revoluções vindouras, e então faltantes, quando do organizar-se para pressionar e confrontar o poder. Montaigne não foi o único, tampouco o mais importante, mas foi um dos homens que forneceu ao mundo ferramentas contra uma angústia que o próprio autor foi incapaz de transigir.

A adição de Maria,

e de mais ricos feitos, mais ricas faculdades,

não é um ato de enfermagem, não é um concerto cem por cento certo

de si, e também não é um banho de cabo a rabo. É, sobretudo, uma aposta conservadora. Serena sua piedade, preciso e delicado seu método. Nem parece algo nascido do tronco romano.

Temos a impressão de que a roleta enfim parou, e que Maria venceu, quando lemos Mary Rorty, companheira de décadas do filósofo em Charlottesville e, como ele, professora, dizer,

For a man as logo-centric as Richard, it is easy to think in genres, and certainly he considered philosophy as one literary genre among others—as are physics, or mathematics, or medicine, all representing ways of finding (or imposing) order on the chaos of the world around us, so we could talk about it to each other. His last publication was a short piece for Poetry magazine, titled ‘The Fire of Life’. Speaking of the pleasure he took in the poems he had consigned to memory, he wrote that he wished he had spent more of his reading time stocking his head with verses to which he could turn at leisure. If philosophy is poetry, then perhaps, when changing how you describe things changes the world, poetry is also philosophy.

Maria foi o Rorty do Montaigne que Mary achou. O que as mãos da filha de aliança do ensaísta disseram tão bem resumiu a esposa do filósofo ao dizer não importa quanto nem como se leia, desde que, quando digamos, o ato preste atenção ao modo de ser da poesia. Ela, a poesia, se ocupa também das grandes e quentes questões do momento não por dignidade solidária, mas por conveniência tecnológica. Novos modos de descrever um problema, eventualmente, revelam ou sugerem ferramentas melhores ou mais à mão para superá-lo.

Metáforas disputam nossas falas desde sempre, mas Rorty enxerga método fluindo em veios no grande palco-auditório do mundo que se pouco tem de circo, nada teria de místico. Para o filósofo, escrever do conforto de uma Universidade num país outrora colônia transtornou, pela simples concatenação histórica, a empáfia do conforto

encastelado do nobre francês, ainda que suas vidas fossem em bons trechos semelhantes. Não sei se Montaigne apreciava coletar orquídeas, mas quando Rorty descreve a filosofia usando termos como ‘políticas culturais’, ‘esperança social’ e ‘progresso’, torna-se menos triste compreender que a literatura não muda o tanto que muda por caprichos autorais, mas antes e principalmente porque serve para nos servir.

Pensemos no entanto se quando Montaigne diz intuir indistinção entre razão e impulso, inferência e o truque do instinto, e ensaca a engenharia teleológica da obra humana num “senso comum natural” porque, no fim das contas, se empregamos o “ardil” da sobrevivência dos animais a nossa própria vantagem, será o caso de agirmos arditamente também uns com os outros, ele não estará felizmente a poetizar a ambição orvalhada de uma manhã para além dos jogos de soma zero.

Tal é o espaço de desespero do suposto erudito, descer diariamente as escadas que o levam até seu escravo e lá perder alguns minutos, no fundo torcendo para que o escravo ordene sua liberdade, porque isto não pode continuar assim.

Montaigne mantém o escravo não como um senhor bruto, mas como um senhor desafiador, pois conheceu ele mesmo qualquer coisa de sombra. O ensaísta cita, na Apologia, práticas culturais esdrúxulas como mulheres sírias que viviam de quatro para servir de banquetista, aparador e palanque, através das lentes da Europa militar. Na guerra, enquanto não se vence, não se humilha. Logo, um ato de humilhação será somente a inércia lógica de um pior que já passou, irrevogável e, por que não, justo. Muitas daquelas bandeiras, daqueles hinos que hoje cantam nos campos da fifa, ergueram-se no drama tenebroso de um fazer político sem dúvida arditoso e tão violento quanto necessário para a conquista e para a sede. É do tempo do Montaigne a tão emblemática dinastia imperiosa de um Belo com uma Louca, “Filipe” e “Joana”, filhos de Habsburg e Roma e pais de Carlos.

O historiador Andrew Marr conta da por vezes destrutiva ansiedade

de Fernando, mas aponta também para o fato nem um pouco desprezível da modernidade com que tratava a esposa: “‘Tanto monta, monta tanto, Isabel como Fernando’ era a divisa de ambos – ‘Isabel, Fernando, é tudo a mesma coisa’ – uma receita tão boa para a felicidade conjugal como qualquer outra que a História ofereça.”

Lembrar dos Cruzados como estupradores desalmados é muito fácil para quem vive longe do continente da Mercedes, da Ferrari, do Mozart e do da Vinci. O desenho e a invenção daqueles briosos mestiços são fartos o bastante em bons exemplos, mas eles só venceriam a contradição da conquista ilegítima se legitimassem novas formas do fazer político, e justo as que viriam questionar, nem que pela ‘razão natural’ de Montaigne, a própria conquista ilegítima.

Não porque a tecnologia da informação é precária, a pressa da persuasão será menor. Governar é preciso. Vilas incendiadas e saqueadas brutalmente parecem algo de fato odioso, mas que talvez fiasse a força de um tratado. Tantos machucados criaram o que chamamos e usamos hoje como historicismo: para que tanto não se repita, tanto; para que tanto mude, tanto. Disso trata a história.

Nublado portanto o historicismo de Montaigne pela lembrança do Lobo do inenarrável da floresta de Alice, seu Príncipe toma o cuidado de realizar uma antropologia de gabinete ao gosto de certa freguesia, e sana-se apenas o bastante para indicar as tradições de uma sua virtude, sem no entanto expandi-la ou renová-la. Guardada como foi essa virtude, a réplica de Pascal é compreensível, mas hoje não seria a melhor possível.

As navegações do século 16, antes de encher Carlos de prata, colocaram a Europa diante de novas formas de dominação, submissão e violência. Os astecas eram um horror. Se Montaigne não colaborasse, ficaria difícil defender a Igreja no Novo Mundo. Se lá se humilha tanto ou pior, que valor terá uma simples cruz? O que Pascal desejava, no entanto, era que Montaigne enxergasse a obra de arrimos e patamares da Igreja como a séria coletora de argumentos e justificações, a séria operadora de uma filosofia que não nos diminuísse

à imanência de um caos implacável, ou conquistas seriam passatempos aleatórios, vitórias meros assaltos de uma sorte sem legado e sem história, o próprio mérito um pendor atmosférico desprezível.

Pensar e ler, tomar distância para refletir e escolher, argumentar no dar e no pedir de explicações, no mundo do Montaigne pascalino, não fundariam o equilíbrio dos poderes, a política representativa, o abolicionismo anti-escravocrata, a democracia liberal, as multinacionais, a imprensa e a escola pública.

O imperador Atahualpa estava no meio de uma tensa guerra com o irmão quando assomou-lhe um mensageiro a dar conta dos invasores brancos mais alhures, mal equipados e donos de grandes lamas que não comiam gente (cavalos). Partiu com seis mil homens desarmados ao encontro dos estranhos numa praça inca. Andrew Marr diz,

Quando chegaram à praça, esta estava vazia. Por fim, apareceu o padre e disse ao imperador que recebera instruções para lhe levar a fé cristã. Frei Vicente estendeu-lhe uma Bíblia, objeto que Atahualpa nunca vira. Recebendo-a, o imperador debateu-se para a abrir. O frade procurou ajudá-lo, mas Atahualpa derrubou-o. Quando abriu o livro, olhou fixamente as linhas negras rabiscadas e atirou-o ao chão, desapontado. Que recepção tão entediante. Que oferenda tão inútil.

O padre, ultrajado com a blasfêmia, convocou os emboscados. “Vinde, vinde, Cristãos!”, gritou ele. “Vinde sobre estes cães inimigos!” Pizarro, em sinal previamente combinado, deixou então cair um pedaço de pano que tinha na mão. Dois dos seus quatro pequenos canhões dispararam (os outros dois falharam). Os espanhóis, esquecendo o medo e as botas desconfortavelmente molhadas, carregaram a cavalo e a pé. O estrépito e a surpresa provocaram o pânico total entre os incas. Nunca haviam enfrentado armas de fogo, armas de aço ou cavalos. Houve homens a fugir em todas as direções. Durante as duas horas que res-

taram antes do pôr do sol, foram mortos pelo menos sete mil incas, fosse enquanto tentavam proteger o seu imperador deus do sol na liteira ou transpunham um muro de argila em fuga e se precipitavam e retalhavam até ficarem derreados. A liteira de Atahualpa acabou por ser derrubada pelos cavaleiros e Pizarro capturou-o, arrastando-o para o interior.

Ainda aturdido com o que acontecera, o imperador inca recebeu uma proposta de Pizarro. Os espanhóis estavam já maravilhados com as quantidades de pratos, jarros, taças e joalheria em ouro e prata de que haviam expropriado o inimigo. Atahualpa admitiu perante Pizarro que havia muito mais de onde aquilo viera. Para Atahualpa, o ouro estava associado ao Sol, e assim ao deus Sol. O verdadeiro valor dos objetos residia na sua execução e elegância, mas para os espanhóis o valor era apenas o metal, o valor da mercadoria. Em breve, começaram a fundir os objetos trabalhados em lingotes. Atahualpa, já ciente da estranha obsessão dos espanhóis, ofereceu-se para encher de ouro o compartimento em que estava encarcerado, como resgate pela sua liberdade.

Dezenas de toneladas de ouro e prata depois, Pizarro condenou Atahualpa ao garrote. Em seu reino, Atahualpa bebia pela cabeça mumificada de um general inimigo.

•

Para Eduardo Viveiros de Castro, o xamanismo ameríndio tem um ideal: conhecer é personificar,

tomar o ponto de vista daquilo que deve ser conhecido.

E cita Guimarães Rosa ao dizer, se se quer responder com inteligência à questão do ‘por quê’ das coisas, há que saber “o quem das coisas”.

Quando Montaigne sugere que os elefantes só podem ter parte com o religioso, meditando com a trompa erguida ao céu contemplando o sol, o que soa disparate para Pascal seria para Viveiros de Castro a confusão entre o que parece ‘natureza’ para alguns mas pode ser ‘cultura’ para outros.

A vantagem da antropologia de campo da baixa Amazônia está menos em sua adição etno-específica, poética, sonora, sã, gráfica, doméstica, esportiva e bem-vinda, e mais no achado filosófico, elementar e atual, da “interpenetrabilidade ontológica” e da ‘coacessibilidade epistemológica’ que foram dar no pluralismo, no multinaturalismo a duras penas, punhos cerrados e mãos trabalhando, bandeiras, greves, lutas, leis e votações conquistado, multinaturalismo que entretanto convivia, difuso nas mil vozes da floresta, na gente daqui.

O ameríndio não se espantaria com a tese da Apologia. Para ele, como diz Viveiros de Castro, o jaguar beber um sangue não passa de nós tomando uma cerveja. Mas se o suposto multiculturalismo ocidental soou como relativismo na política, o multinaturalismo ameríndio seria política primordial.

A incompletude de Montaigne não vem de sua redução religiosa, mas de um objetivar do conhecer,

*distinguir no objeto o que lhe é intrínseco do que pertence
ao sujeito cognoscente,*

familiaridade parcial portanto, posto que produto de uma separação, sujeito sabedor autorreferente de um lado, objeto de saber portador exclusivo da diferença do outro.

A redenção ameríndia de Montaigne não vem de sua redução religiosa, mas de um insistir, no objetivar distante de um fuçador de livros, na identificação de virtudes humanas em hábitos de outras seres, indivíduos, espécies. Não fosse a cidade construída, e nela nossa segunda natureza, a Apologia talvez não estivesse defasada, posto que

pouco nos tocaria o por quê das coisas. Mas porque aqui implicamos e bradamos por nós e por tantos, a identificação reducionista apenas não basta.

Sistemática e deliberadamente, diz Viveiros de Castro, o índio percebe no mundo a agência fluida que torna as intenções em jogo amplamente compreensíveis e portanto discutíveis, mesmo se da parte de uma tartaruga, de uma trovoadas, de um jaguar. Enquanto Montaigne, ao atribuir um mínimo de inteligência às alteridades para dar conta de suas agências, barateava a vida e a obra da vida, o ameríndio não admite nada nem ninguém menos inteligente que si, pois não é posse, a inteligência, mas rede noema cujos eventos se traduzem desde as relações sociais com aquele que a conhece.

A ‘ficção cômoda’ do ‘senso comum natural’ do bardo sai do buraco ao som do chocalho do perspectivismo ativo, complexo e politicamente tenso da diplomacia cósmica ameríndia. Não é porque se vê um elefante como um humano (e a nós, talvez, como bichos estranhos), que nós humanos não pensaremos melhor o mundo para homens e mulheres, crianças e crianças. Quando Viveiros de Castro sugere tratássemos talvez de muitas naturezas e uma só cultura, entenda-se a diversão de Montaigne como um giro antes, anterior, da posição distanciada do índio. Todos os dois termos habitam uma mesma linha elíptica e coincidem, não pontual mas lateralmente, na sufixação ‘di’, botadora de termo. Só que di-versão é botar termo na volta, e di-stância é botar termo no espaço. Não é que a distância não reconheça a diversão. É que a distância, porque passou pela diversão, conhece também a diversão, e outras distâncias.

•

Revendo Cecília evitar a mancha azul de ruído ao trocar o pé com que pousa do salto, quem toca o chão são as falanges, mantendo-se elevado o calcanhar e abertos os braços que pendem transversos ao tronco tenso e inclinado sobre as flexões de quadril e joelhos. A graça, o sorriso e o rubor que nem durante o salto foram embora, a leveza íntima do corpo grande mas firme e os brancos amarelos dos

pelos longos misturados aos taurinhos a viajar no rastro do linho sobre um desenho feliz da equipe bacteriana.

Rever o movimento otondino desperta a pergunta se se se ter segura no estalo da performance e do texto, da leitura e da conversa não fará dela indócil à disciplina da antecipação, se se faltassem seguros estalo, texto, leitura e conversa, a performance não doceria não nos remeteria a doces, e a performance seria atrapalhada pela ansiedade do porvir. Para que, não é mesmo? repetiriam os amigos da Tondinha Estabanada, imitando seu jeitão viking pragmático de modo a ruborizá-la nas reuniões.

Resta aquela economia de gestos da atleta que ela de fato é; seu é um aprendizado de aplicação e economia da energia não para sobreviver apenas, mas para compartilhar com um time, um treinador, uma bandeira, um clube e uma estratégia. Logo que pausa, ela engata e atíça Janaína. *Aquela que viveu ao lado dele*, dizem em simultâneo. O chão do anfiteatro da OZ paulista faz-se espectralmente negro, finos fios dourados filtram e refratam luzes por eles mesmos gerados e unem-se mais e mais a formar, fundindo-se em alta velocidade, a face calma de Maria de Gournay, filha de aliança de Montaigne e editora dos tomos de 1959 dos Ensaios, um brinco esférico em cada lóbulo, cabelos presos por onde um véu translúcido escorre sobre os ombros, um grande broche-pedra polido-esferizada na forma de ovo deitado a fechar o peito.

As redatoras sorriem, sorriem. Sete sub-seções deliberáveis de fazenda, infraestrutura e seleção, temas urgentes da administração interna da empresa, são votadas como um brinde à sincronicidade e à colocação fronteira da proposição da dupla. São, é dizer, acordadas as propostas conforme a orientação votante das coligações coincidentes de Acre e São Paulo. É uma forma da federação ‘comprar’ ou recompensar o sucesso da intervenção das duas redatoras no painel.

Eis apenas uma das dinâmicas possíveis no que toca a cogestão entre redação e resoluções: quando dois ou mais redatores inscrevem

a popularidade insuspeita, original e bem-vinda no quente da Paine-
lança, a priorização e as orientações de voto de suas unidades
federativas passam à frente de outras num movimento de votações
blocadas. A presença do conselho em seu império da terceira idade,
em aceno de felicitação ao que chamam de ‘erudjazz da tonda’, exhibe
no teto dos vinte e cinco anfiteatros a constelação *In Situ Maters*,

riqueza e autoridade, magnificência e mesa posta sob as oferendas
do Norte,

ao que vibram os redatores e cessam a falação para contemplar a
arte graúda dos eremitas, estes que não vivem nem pior nem melhor,
apenas mais.

Aturdidos pela beleza incontestada da constelação, os redatores tes-
temunham em silêncio as formas dispostas por pontos estelares e
densos volumes em fluxo de gases coloridos: duas mulheres senta-
das no chão à mesa baixa forrada pelos frutos frescos da meia-noite
dialogam através de gestos lentos,

uma ergue a mão esquerda e a direciona ao peito da outra,

que nossos corações se façam um na força da escuta

branco seu rosto, e amarelo e transparente,

um leque seguro na mão direita abre-se e ventila o entorno em ouros
e pratas elípticos num largo movimento de punho e então de braço,

*que as escutas retornem ao centro
para renovar nossas convicções
de novo e de novo, bem ponderadas*

•

No Brasil de 2036, a carreira de professor da rede pública é a mais
disputada. Inspiradas pelos próprios professores, adolescentes deci-

dem bastante cedo disciplinar seus desejos para passar na seleção do MEC. Ao concluírem 18 anos, os jovens com tal disposição cadastram o CPF num banco de dados e aguardam. Pode acontecer de não serem chamados ao longo de um ano, mas pode acontecer o contrário. É a carreira, digamos, mais divertida. Dos 20 aos 40 anos, o professor da rede pública é obrigado a viver 40% de seu tempo em outras escolas, desenvolvendo como puder projetos pedagógicos junto a professores confederados. Nos 60% do tempo que passa na escola de seu distrito, a dinâmica não é diferente. A cada dia, não se sabe o que esperar da jornada. As aulas não são programadas, não há currículo fixo, não há conteúdo pré-estabelecido a ser coberto. Técnicas de autômatos (operações da matemática, sistemas linguísticos etc) não carecem de esforço do professor, posto que tais habilidades são firmadas na interação aluno-software com o dia a dia fora da escola. Nos três círculos de aprendizado, aprende-se sobretudo a desejar.

Ao concluir a escola, o jovem é livre para querer o que bem entender. Ser professor a partir de tal missão, portanto, está muito mais próximo de exemplificar a satisfação da vida do que de tocar um rebanho de informação.

O chamado mercado de trabalho estatal e privado disputa os professores egressos da rede pública aos 40 anos não a peso de ouro, posto que eles desejam algo diferente dos yuppies, mas a posições de altíssimo impacto estratégico e poder de intervenção e influência nos investimentos.

Depois da escola pública, a carreira mais disputada é o segundo escalão da OZ. A segunda idade da OZ. Muitas crianças e adolescentes também nutrem este desejo desde cedo, incentivados pela família, mas aqui o orgulho está mais relacionado às narrativas tradicionais das unidades federativas. É uma carreira de forte vínculo regional, posto que toda a máquina estatal federativa, que outrora era um entreposto indeciso entre União e municípios, foi reduzida e concentrada na administração da OZ. Nem polícia, nem educação, nem saúde, nem infraestrutura: os vinte e cinco Estados brasileiros, em 2036, têm como única atribuição a administração de suas respecti-

vas unidades da OZ, a cargo de suas terceiras idades e dos braços e futuros de suas segundas idades, os agentes de campo, redatores e mantenedores.

Em feliz decisão, os Estados tornaram-se, do ponto de vista da governança e da competência pública, administradores regionais da OZ, empresa estatal ligada à Fazenda que emite licenças, chancela transações e presta serviço de aconselhamento prescindível ou imprescindível, a depender do caso, via emissão de alertas, selos obrigatórios e eventuais multas às movimentações das pessoas jurídicas instituídas ou atuantes em território nacional.

O que poderia soar como mais um entrave burocratizante, na figura da OZ, o bom e velho conselho de anciões (mas desta vez operado em campo por força de lei e um brilhante batalhão da segunda idade), tocou-nos com a simpatia da benção. A boa e velha licença aos mais velhos, solicitada antes de passar, entrar, sair, falar.

Todas as classes de ofício eram na OZ espelhadas, bem como as tendências gerais de inovações produtivas. Ironia? Congruência: os laboratórios de pesquisa e desenvolvimento tecnológico mais avançados eram geridos pela OZ. As sedes regionais, além de oferecer o estado da arte em saúde e cuidado, encarnar a memória viva das tradições e naturezas locais, empreender no campo da cultura com casas editoriais, estúdios, ateliês, residências de pesquisa, eventos e simpósios, eram amplas colônias de manutenção, ativação e emprego de seus funcionários, os outrora vergonhosamente desclassificados da vida ativa como ‘aposentados’ (justo os mais sábios!), que erguiam nesta não cidade dos que já viveram e trabalharam, cresceram e construíram as cidades brasileiras, os modos de aceitar ou negar, mostrar ou esconder o mais profunda e historicamente vinculado, e portanto justo, juízo aos projetos futuros das empresas e cidades brasileiras.

Hoje, em 2036, se alguém disser que o INSS já foi motivo de rombo e crise, e que nós ‘aposentávamos’ os cidadãos mais experientes em vez de usarmos e venderemos seus poderes de discernimento e pro-

funda fixação processual-semântica, ninguém acredita.

•

Encerro este importante capítulo, III.5, que me diz tanto respeito quanto é possível, lembrando um poema de 2014, feito à moda nordestina dos repentistas de redondilhas maiores. Escolho-o porque nele conjugo a transmissão de uma tradição, uma das funções do poeta, e também porque seu tema ou subtexto versa acerca do despertar da consciência por que passa, obrigatoriamente, o Príncipe.

Se até então o habitante da casa III fazia em resposta, em ansiedade, em treino, em sufoco, o Príncipe só cumpre seu estágio se transporta, a seu fazer, a consciência de si somada à consciência de seu poder de transformar o mundo.

Nobre é o egoísta que se satisfaz prestando serviço, e não simplesmente atendendo o que lhe dá na telha. Para tanto, tornado em definitivo para o Leste teórico e prático da manhã, este Príncipe deixa como lição singela algumas linhas sobre um tempo passado, tempo em que ser e fazer se confundiam, incompletos, na segurança apenas parcial da autonomia fantasiosa.

•

não sei o que tanto faço
mas todo dia trabalho
na esperança de saber

inclusive cochicharam
acorda senhor é tarde
pra dormir sem perceber

eu viro remexo abro
sou livre pra dar risada
mas ralharam: tá dormindo

quando vai amanhecer?

só quando acordar vou ver
— talvez fique chateado —
se o que faço é bom fazer